

10-2009

O contexto histórico em que viveu Poullart des Places

José Costa

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Costa, J. (2009-2010). O contexto histórico em que viveu Poullart des Places. *Missão Espiritana*, 16-17 (16-17). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol16/iss16/10>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

O contexto histórico em que viveu Poullart des Places

A vida de Cláudio Poullart des Places e as opções que ele foi tomando até fundar a Comunidade do Espírito Santo, não se poderiam entender bem sem algumas referências à Igreja e à sociedade do seu tempo, bem como às suas origens familiares.

Não sendo eu historiador, cabe-me aproveitar do esforço feito por vários confrades espiritanos, eles sim, verdadeiros investigadores, para poder apresentar este breve trabalho. Joseph Michel, Christian de Mare e Bernard Ducol permitiram-me conhecer melhor o século em que Cláudio viveu e é sobretudo do livro “*Aux racines de l’arbre Spiritain*”, de Christian de Mare, que eu tiro a maior parte das citações ou referências históricas. Na impossibilidade de abordar com a mesma amplitude os fenómenos religiosos, sociais e políticos da França, ficar-me-ei sobretudo pelas regiões da Bretanha, onde Cláudio nasceu e passou parte da sua juventude e pela região de Paris, capital do reino, onde ele se tornou verdadeiramente fundador. Possa esta viagem pelo fim do século XVII e início do XVIII oferecer alguns elementos para ajudar a conhecer melhor alguém que nos é muito querido, mas de quem, em geral, conhecemos muito pouco.

1. OS EFEITOS DO CONCÍLIO DE TRENTO

Nenhum tempo se entende bem se for isolado e nenhuma época tem limites definidos. Às vezes é preciso recuar bem longe para se saber onde estão as raízes de algumas tendências. Um rápido olhar sobre esse momento histórico e sobre o papel decisivo de alguns santos reformadores pode ajudar-nos a perceber melhor o sonho do nosso fundador.

“viagem pelo fim do século XVII e início do XVIII para nos ajudar a perceber melhor o sonho do nosso fundador.”

* José Costa, *espiritano português. Licenciado em Teologia e Filosofia. Formação em direcção e acompanhamento espiritual. Missionário na Guiné-Bissau. Formador e animador vocacional em Portugal durante vários anos. Actualmente faz parte da equipa do Noviciado espiritano europeu.*

Com as grandes invenções do século XV, a descoberta de novos mundos, o grande florescimento da arte e da tecnologia, a Europa de então viveu uma época de desmedida euforia e os valores que regeram a sociedade da Idade Média foram, de repente, abalados. O movimento protestante iniciado por Lutero dividiu a Igreja e os povos. Os papas de então aperceberam-se de que a Igreja estava enferma e denunciaram o pecado em que se vivia. “O mal transmitiu-se da cabeça aos membros, dos papas aos prelados; nós todos, prelados e clérigos, afastámo-nos do recto caminho, pois desde há muito que já ninguém fazia o bem. Temos por isso de nos humilhar diante de Deus e de lhe dar glória”, reconhece o Papa Adriano VI (1522).

“Nos finais do século XVI e no século XVII, sob o impulso do Concílio de Trento, os ventos da renovação sopravam fortes”

Nos finais do século XVI e no século XVII, sob o impulso do Concílio de Trento, os ventos da renovação sopravam fortes, e um conjunto de homens e mulheres de enorme talento e grande santidade, propunham novos caminhos e ajudavam a refazer o tecido eclesial e social, curando as feridas causadas pela separação das Igrejas protestantes, fruto das querelas, ataques e guerras geradas entre irmãos da mesma fé. Era chegada a ocasião de arrepiar caminho, era tempo de deixar o Espírito agir.

S. Inácio de Loyola (1491 – 1556) vivia em Paris quando, em Trento, se realizava o Concílio; a sua própria experiência de Deus vai servir de base para introduzir um novo conceito de espiritualidade assente na observação do que se passa no coração humano; **Sta. Teresa de Ávila** (1515 – 1582) e **S. João da Cruz** (1542 – 1582), grandes místicos, deram um grande impulso ao esforço renovador dos conventos, exigindo a todos e a todas uma vida de grande exigência e um esforço real de fidelidade ao espírito fundador. **S. Filipe de Néri** (1515 – 1595) propõe encontros, sessões, momentos de convívio e de estudo da Bíblia aos jovens, aliando a boa disposição ao estudo da Bíblia.

Na França grandes santos estiveram na origem da fundação de novas congregações religiosas e de movimentos ou de correntes de espiritualidade que ainda hoje perduram. Cito alguns dos mais conhecidos.

S. Francisco de Sales († 1622) torna-se o grande pregador da região de Savoia utilizando os meios modernos e inovadores na época, como a impressão de textos em folhas de papel, para repor a verdade que os calvinistas haviam deturpado. Escreveu muitas obras e o seu livro “*Introdução à Vida Devota*” esteve na origem de um tipo de espiritualidade a que depois se chamou a *escola francesa*, que insistia na misericórdia de Deus e na bondade do coração de Jesus; com **Sta. Joana de Chantal** fundou as irmãs da Visitação, também conhecidas por Visitandinas para irem ao encontro dos pobres.

S. Vicente de Paulo († 1660) fundou a Congregação da Missão, com o objectivo de formar padres para evangelizar as zonas des-cristianizadas; com **Sta. Luisa de Marillac** deram início às Filhas da Caridade, voltadas para o cuidado corporal e espiritual dos pobres e das vítimas da *guerra da religião* entre católicos e protestantes.

S. João Eudes († 1680) ao dar-se conta da má formação dos padres e das consequências que isso tem na fé do povo, funda seminários na Normandia e na Bretanha. Os eudistas, por ele fundados, dedicavam-se à formação do clero e à pregação de missões nas regiões des cristianizadas.

Sta. Margarida Maria Alacoq († 1690) entrou no convento das Irmãs da Visitação, em Paray-le Monial, onde teve muitas experiências místicas; Jesus ter-lhe-ia aparecido e mostrado o Seu coração dizendo: “*eis o coração que tanto amou os homens e que da maior parte deles não recebe senão ingratidões*”; a devoção ao Coração de Jesus depressa se divulgou pela Europa e pelo mundo.

S. Luís Maria Grignon de Monfort (1673-1716) amigo de infância de Cláudio, fundou com Maria Luísa Trichet as Filhas da Sabedoria dedicadas ao ensino de crianças pobres; fundou os Padres Monfortinos para trabalharem no mundo rural; e os Irmãos do Espírito Santo, mais tarde chamados Irmãos de S. Gabriel, dedicados ao ensino. Cláudio colaborou muito com ele.

S. João Baptista de la Salle (1651-1719) fundou os Irmãos das Escolas Cristãs; com ele Cláudio colaborou nos últimos anos da sua vida.

2. O REINADO DE LUÍS XIV: O ‘REI SOL’

Cláudio Poullart des Places nasceu e viveu durante o reinado de Luís XIV (1638-1715). Se tivesse sido noutra época, ou noutra reinado, nem sequer tal facto seria mencionado. Mas neste caso vale a pena deter-nos um pouco sobre este período da história e sobre este rei que mudou a França e a Europa. Algumas das leis por ele promulgadas tiveram impacto directo na vida e na família do Sr. Des Places.

“Cláudio Poullart des Places nasceu e viveu durante o reinado de Luís XIV”

O século XVII foi de grande florescimento espiritual. A que se deve este florescimento? O Rei Luís XIV, a quem está associada a construção do majestoso palácio de Versalhes, afirmou-se por uma bem conseguida política centralizadora. A célebre frase *«l'Etat c'est moi»*, (o Estado sou eu), traduz a noção de poder absoluto deste “Rei Sol” em volta do qual giravam as forças políticas. Um reinado que elevou os níveis de prestígio do país, e pôs em marcha uma economia geradora de riqueza, sobretudo na primeira parte do reinado, marcada por grandes reformas administrativas: publicou o código civil, o código criminal, o código da floresta, um edital sobre a marinha e o comércio.

Grande impulsor da arte, da ciência e da cultura, através de um mecenato real, e das academias por ele criadas, ajudou a França a afirmar-se em todos os domínios da cultura. A França dessa época foi berço de grandes escritores e de grandes filósofos. Descartes, Molière, Corneille, Malebranche, Bossuet, Racine, La Fontaine, para citar apenas os mais conhecidos, são figuras que fizeram evoluir o pensamento e marcaram profundamente a história. Se tivéssemos de escolher uma palavra para qualificar Luís XIV essa palavra seria “Grandeza”: da sua pessoa, da corte, da França.

“Os limpa-chaminés famintos que deambulavam nas ruas de Paris são disso testemunho.”

No entanto, Luís XIV não gastava muito tempo com os problemas reais do povo simples. Muito ocupado em vencer os seus inimigos, dentro e fora do país, procurando redefinir as fronteiras e anexar novos territórios, obcecado com a ideia de uma França “Grande e Una”, que todo o mundo pudesse admirar e elogiar, foi carregando com impostos cada vez mais pesados o povo simples que vivia na miséria e que não suportava tanto luxo desregrado. Os limpa-chaminés famintos que deambulavam nas ruas de Paris são disso testemunho. Demasiado virado para as guerras, ele deixava a Colbert as rédeas da economia nacional. Colbert tentou pôr as finanças em ordem mas seus planos fracassaram diante das exigências financeiras cada vez maiores do rei para alimentar as despesas militares, as despesas do luxo e do prestígio da corte de Versalhes e o mecenato das artes.

A referência a Colbert é propositada, pois foi este ministro que, em 1668, no sentido de reformar a nobreza, lhe impôs novas condições, o que fez com que o pai de Cláudio perdesse o direito de pertencer à classe. A esse ministro se deve também a publicação, em 1685, do tristemente célebre “Código Negro” (*Le Code Noir*) sobre a escravatura, que declarava os escravos como mercadoria sujeita a compra e venda, e que os filhos de mães escravas eram considerados bens pertencentes ao seu patrão.

2.1. O panorama eclesial

2.1.1. A convivência difícil entre católicos e protestantes

A reforma protestante teve efeitos fracturantes na sociedade francesa desencadeando uma espécie de guerra civil a que se chamou a *‘guerra da religião’*. Várias tentativas de apaziguamento se lançaram mas só em 1598 com o ‘edicto de Nantes’ o rei Henrique IV conseguiu pôr termo ao conflito. Tal edicto concedia liberdade de culto aos protestantes, dava-lhes o direito de viver em praças ou cidades fortificadas e reconhecia-lhes a possibilidade de terem acesso a todos os cargos e trabalhos, excepto na cidade de Paris. Por este meio se permitia a coabitação no mesmo território de inimigos que se respeitavam.

Luís XIV, desejando aparecer como o campeão do catolicismo, aborrecido porque os ‘huguenotes’ (protestantes franceses) procuravam demasiado apoio na Inglaterra, decidiu extirpar do reino a *‘heresia protestante’*. Baseando-se em relatórios optimistas mas pouco verídicos, o *Rei-Sol* convenceu-se que a *religião reformada* já não se praticava no reino e decidiu derrogar o edicto de Nantes. Com o edicto de Fontainebleau, publicado em 1685, Luís XIV suprimiu o que restava da tolerância religiosa, herdada de Henrique IV. O edicto proibiu a prática do *culto reformado*, ordenou a demolição das escolas e templos protestantes, obrigou a baptizar na fé católica os recém-nascidos dos protestantes, obrigou os pastores a abandonar a

França, mas exigiu que os simples fiéis permanecessem. Autênticas perseguições se organizaram com pilhagens e conversões forçadas, com o roubo das crianças para serem batizadas contra a vontade dos pais. Mas a 'heresia' estava longe de ser erradicada e começava a preparar-se o terreno para uma nova *guerra da religião*, cujas feridas da anterior ainda não estavam totalmente cicatrizadas. Apesar da proibição imposta aos simples fiéis de deixarem o país, mais de duzentos mil protestantes entre artesãos, trabalhadores, comerciantes, atravessaram a fronteira para encontrar refúgio fora. Depressa o rei se deu conta do seu erro. A crise não poderia fazer-se esperar, pois estes exilados, saídos da burguesia laboriosa privaram a França de seus talentos e da sua produção. Seria preciso esperar por 1787 para que a tolerância religiosa fosse, de novo, restabelecida em França.

1.1.2. Jansenismo e Galicanismo

O **jansenismo** tem a sua origem em Cornelius Jansen também chamado Jansenius. Nascido na Holanda em 1582, depois dos estudos na Holanda, veio para Paris onde conheceu Jean Duvergier. De regresso ao seu país, foi nomeado bispo de Ypres. O seu livro '*Augustinus*' provocou o furor dos Jesuítas. Jansen via o homem tão corrompido pelo pecado original que só a graça divina podia assegurar a sua salvação; Deus concedia esta graça aos predestinados escolhidos por Ele, e todos os outros estavam votados à condenação; o Concílio de Trento tinha reafirmado a necessária cooperação da graça divina e da vontade do homem para a sua salvação. Em França estas ideias foram divulgadas por Duvergier que fez da abadia de Port-Royal, perto de Versalhes, onde ele era director espiritual, o grande centro de difusão. Os jesuítas que defendiam a necessária cooperação da vontade humana na obra da graça, contra-atacam e as discussões apaixonam os espíritos. Os teólogos dividem-se e os campos definem-se; o assunto começa a tomar uma tal amplitude que nenhum intelectual da época se podia considerar indiferente. O rei Luís XIV, temendo o pior, decidiu exterminar o movimento e sequestrou as religiosas na sua abadia de Port-Royal. Em 1667 o papa Clemente XI tentou o apaziguamento (*a paz Clementina*), mas durante os 30 anos que seguiram, as disputas continuaram a cozinhar-se em fogo lento. Em 1701 os ânimos explodem de novo com a questão do *caso de consciência*: para receber a absolvição no confessionário, um jansenista devia manifestar apenas um *silêncio respeitoso*, ou precisava de uma verdadeira *submissão interior*? O papa Clemente XI exigiu a submissão interior. Luís XIV apressou-se a impor às religiosas de Port-Royal a submissão interior, exigida pela bula papal. Face à recusa em acatar a bula papal, Luís XIV mandou dispersar as religiosas em 1709, e, em 1711, a abadia foi destruída.

A universidade da Sorbona, o maior centro de estudos da época, não apoia o jansenismo, embora alguns dos mestres que aí ensi-

“Jansen via o homem tão corrompido pelo pecado original que só a graça divina podia assegurar a sua salvação”

“O Galicanismo não é tanto uma questão teológica mas mais uma questão de poderes e de interferências”

nam partilhem essa corrente; ela é, no entanto, um centro importante do galicanismo.

O Galicanismo não é tanto uma questão teológica mas mais uma questão de poderes e de interferências; é uma corrente que reconhece ao Papa uma primazia de honra e de jurisdição mas contesta o seu poder de intervenção nos assuntos que se referem à Igreja de França. Luís XIV opta por tratar as questões religiosas como assuntos de Estado, criando por isso fortes tensões com o Vaticano. Ele apoia o Galicanismo que exige liberdades especiais à Santa Sé.

Quando Cláudio se decide pela fundação de um seminário, os seus alunos não frequentarão a Sorbona. Ele prefere os Jesuítas, que permaneciam fiéis a Roma e à teologia subjacente no Concílio de Trento.

2.1.3. A formação dos padres

A vida cristã nas aldeias do interior estava muito abandonada. Os padres que por lá passavam pregando as missões populares vão-se dando conta disso e tiram as suas conclusões: *“Me parece que são estas as principais razões pelas quais se vêm tantas capelas e paróquias do interior, umas inteiramente abandonadas, outras sem vigários, a maior parte sem professores escolares; um grande número são servidas por padres escandalosos e daí resulta que muitas igrejas são profanadas, os sacramentos não são tidos como coisas santas, as festas foram destituídas da sua solenidade própria, Jesus Cristo já não é conhecido dos cristãos. A maior parte desta pobre gente morre na ignorância dos principais mistérios da nossa religião”*.

“Em 1701 apareceu uma brochura intitulada “Carta aos senhores arcebispos e bispos de França. Seria muito normal que Cláudio figurasse entre os primeiros leitores desta brochura.”

Em 1701 apareceu uma brochura intitulada “Carta aos senhores arcebispos e bispos de França”. O autor era um tal Tiago Doranlo², antigo advogado que depois foi ordenado padre e era prior no priorado de Lande, diocese de São Maló. Esta brochura era o resultado de uma reflexão da equipa de padres da Bretanha das quais fazia parte também o P. Bellier, pregador de missões, muito amigo de Doranlo e do jovem Poullart des Places, licenciado em direito e que queria ser padre. O P. Bellier tinha uma grande influência em Cláudio desde os seus tempos de estudante no colégio dos jesuítas. Seria muito normal que Cláudio figurasse entre os primeiros leitores desta brochura. O autor explica que o abandono espiritual das zonas rurais de França se devia, por um lado, à ignorância de um grande número de padres aos quais a pobreza de suas famílias impedira de fazer estudos normais e regulares, e por outro à recusa dos eclesiásticos melhor formados de aceitarem paróquias pobres. Dizia então o P. Doranlo que os frutos da missão aparecem, mas depressa esmorecem. Os frutos que deveriam aparecer a seu tempo no coração dos fiéis dependem dos cuidados especiais dos párocos das paróquias. Ora: *“na província é raro en-*

² Também aparece escrito Doranleau

contrar os que sejam bastante bem intencionados e dedicados. Talvez não sejam capazes disso o que faz com que os frutos deste trabalho são de curta duração. Não é de admirar que o rebanho de Jesus Cristo corra o risco permanente de ser devorado uma vez que ele é apascentado por pastores pouco esclarecidos, que são como mercenários, que não se dedicam, mas que fogem quando vêm vir o lobo. A maior parte dos padres não estão à altura do seu sacerdócio”.

A ideia do P. Doranlo era pois a criação de pequenos seminários ou pequenas comunidades onde os estudantes pobres fossem acolhidos e sustentados gratuitamente graças à caridade dos fiéis. Mas a nível de formação nada aí seria descurado. Seria preciso de modo especial inculcar-lhes as quatro virtudes cardeais do sacerdócio: a piedade cristã, o zelo pela glória de Deus, o trabalho apostólico e a pobreza de espírito”. Sobre cada uma das virtudes ele fez um pequeno tratado. Realizadas estas condições os bispos poderiam encontrar os obreiros para qualquer obra do Senhor, assim como bons párocos e vigários; encontraríamos entre estes padres bons obreiros para a missões estrangeiras.

2.1.4. O fenómeno das pequenas comunidades de formação

Os seminários diocesanos tão desejados pelo Concílio de Trento são ainda raros. O que será necessário fazer é pôr em prática a cláusula do concílio de Trento que diz que se deve dar a possibilidade de os alunos pobres que quiserem ser padres estudarem gratuitamente. Com efeito muitos desses alunos têm mais aptidão que os ricos e seria pena que não pudessem estudar. A reflexão foi-se fazendo no sentido de apontar pistas de solução. O abandono da vida cristã nas aldeias do interior parecia estar ligado à falta de formação dos padres que não tinham meios suficientes para estudar na universidade ou nos colégios reconhecidos para o efeito; tratava-se, por isso de acolher estudantes pobres, em pequenas comunidades, dar-lhes uma boa formação intelectual e teológica durante quatro ou cinco anos, fazê-los praticar todos os exercícios dos seminários maiores, mas tendo o cuidado de conservar neles o hábito de viver pobremente.

Sendo difícil para muitos estudantes pobres assegurar os seus estudos num dos 4 grandes colégios de teologia confiados às grandes ordens monásticas (franciscanos, dominicanos, jesuítas), pequenas comunidades vão abrindo as portas a estes alunos pobres, tornando-se uma alternativa para a formação. Cláudio não foi, pois, um inovador quando fundou a sua comunidade, em 1703; ele inseriu-se neste movimento que procurava oferecer aos estudantes pobres os meios necessários para terem uma boa formação; caso curioso, algumas destas pequenas comunidades de formação desapareceram ou foram, mais tarde, absorvidas pelo seminário do Espírito Santo.

O objectivo destas pequenas comunidades era o de assegurar aos seminaristas pobres a mesma formação que teriam nos seminá-

“Sendo difícil para muitos estudantes pobres assegurar os seus estudos num dos 4 grandes colégios de teologia, pequenas comunidades vão abrindo as portas a estes alunos pobres”

rios maiores, mas conservando neles um espírito de pobreza e de disponibilidade. “Nas pequenas comunidades, os alunos alimentam-se de pão de mistura, de carne gorda, de legumes, de saladas e de queijos e outros alimentos menos considerados tal como se alimentam os lavradores. Quem for educado desta maneira, poderá viver em qualquer parte”. Assim formados, “os jovens padres poderiam aceitar as paróquias pequenas de 200 ou 300 libras como uma grande fortuna pois estarão melhor que em casa de seus pais e melhor que no seminário”. Dessas comunidades partirão “missionários zelosos que irão instruir os povos, limpar a heresia dentro e fora do reino, pregar Jesus Cristo crucificado a todas as nações da terra”. Assim concebidas, as pequenas comunidades são como alfobres onde os senhores bispos poderão ir buscar as pessoas para qualquer tipo de serviço.

3. A BRETANHA

3. 1. Alguns elementos históricos

A Bretanha, é um caso especial no país. Foi lá que Cláudio nasceu em 1679. O ditado popular “*têtu comme un breton*” (teimoso como um bretão) exprime a identidade de um povo que em muitos aspectos difere do resto da França. Os Bretões, gente de antes quebrar que torcer, foram independentes até ao século XVI. Invididos pelos celtas após a queda do império romano, guardam deles a língua, a música, um certo tipo de organização familiar e um substrato religioso próprio. Ao longo dos séculos vacilaram entre os celtas e os gauleses, aliando-se ora a uns ora a outros conforme os interesses do momento. A integração do ducado na França fez-se através do casamento da Duquesa Cláudia de França, herdeira do ducado com Francisco I, rei da França. O filho do casal, Henrique II, uniu definitivamente a Bretanha à França, em 1532, mas com a garantia de que alguns privilégios seriam mantidos, entre os quais, o de os Bretões conservarem o seu parlamento próprio.³

O parlamento de Rennes era o símbolo e o orgulho da Bretanha; tinha um poder judicial e financeiro. O Rei de França era aí representado por um governador, garante da unidade e encarregado de velar pela aplicação das decisões reais; muitas das leis emanadas do rei só tinham aplicação depois da aprovação parlamentar. Em 1655, depois de 37 anos de trabalhos, o Palácio ficou definitivamente concluído e com condições para acolher os parlamentares. Os magistrados tendo à frente o decano dos presidentes, Cláudio de Marbeuf,⁴ foram recebidos pelo povo da cidade; tomaram posse no dia 16 de Janeiro. Houve discursos, um *Te Deum* e na praça contígua

“Os Bretões, gente de antes quebrar que torcer, foram independentes até ao século XVI.”

³ A ausência de portagens nas auto-estradas da região, são alguns dos restos, ainda hoje visíveis, dessas prerrogativas.

⁴ Claude de Marbeuf era o padrinho de Cláudio Poullart des Places.

acenderam uma fogueira, cantaram e dançaram com aclamações da multidão.⁵

A paisagem urbana alterou-se fortemente no século XVIII. Em 1720 houve um grande incêndio em Rennes que durou uma semana e destruiu 945 casas da cidade, matando 8000 pessoas. O edifício do parlamento foi também afectado; em 1789 com a revolução francesa foi definitivamente extinto, conservando-se, hoje, o edifício reconstruído depois do incêndio, que é o palácio da justiça da cidade.

3.2. Os problemas sociais.

A união da Bretanha à França resolveu alguns problemas mas foi criando outros. A relação com o governo central nem sempre foi fácil; a corte de Versalhes era tremendamente dispendiosa e os impostos não paravam de aumentar. “*Os estados da Bretanha dão ao Rei, cada dois anos, gratuitamente cerca de três milhões; sem falar dos gastos que se fazem para exigir esta soma*”. Os Bretões, que não se sentiam na obrigação de pagar as grandezas de Paris, ou as guerras empreendidas pelo rei, reagiam fortemente quando havia uma nova sobrecarga de impostos. Ficou famosa a ‘*revolta do papel selado*’ de Abril a Setembro de 1675 e que teve uma maior amplitude na Baixa Bretanha. O governo decidira que os documentos teriam de ser apresentados em papel, com um selo, o que era entendido como mais um imposto. O povo insurgiu-se e desencadeou uma verdadeira revolução que ficou conhecida também como a ‘*revolta dos bonés vermelhos*’, atendendo a que os insurgidos usavam bonés vermelhos ou azuis conforme a região. Luís XIV teve de enviar tropas para parar os revoltosos e em 18 de Setembro de 1675, transferiu a sede do parlamento para Vannes, que ali permaneceu durante 15 anos, como punição ao povo de Rennes por ter apoiado a insurreição.

A sociedade apresentava uma grande fractura entre as classes; a gente do campo sentia-se cada vez mais pobre e abandonada. Escritos da época falam-nos desse fosso que separava os grandes dos pequenos, no século XVII: “*No começo deste século em que vivemos, S. Francisco de Sales e os outros homens apostólicos queixavam-se com razão do luxo excessivo do seu tempo, que engolia todas as esmolas que eram devidas aos pobres; mas temos muita mais razão de nos queixarmos do excesso deplorável a que assistimos nos dias de hoje... Nos últimos 50 anos o luxo aumentou de tal maneira que se envia cada ano para fora do reino 15 ou 20 milhões mais do que se enviava antes, para a seda, as especiarias e para as outras coisas supérfluas. Só em louça de ouro, de prata e em pedras preciosas, os ricos têm, em valor, mais 50 ou 60 milhões do que*

⁵ Foi neste parlamento que Poullart des Places defendeu, com grande brilhantismo, a sua tese sobre o conde de Tolouse, filho de Luís XIV nomeado dois anos antes governador da Bretanha, na Assembleia Magna, no dia 25 de Agosto de 1698, ante a elite de Rennes.

tinham os seus pais, o que poderia dar um rendimento mais que suficiente para todos os mendigos do reino. À medida que o luxo tem aumentado em roupas, em carroças, em louça de ouro e de prata, as esmolas têm diminuído”. O autor continua depois dando exemplos bem concretos sobre esta realidade.

“O Sr. Francisco-Cláudio, pai de Poullart des Places, com a reforma da nobreza bretã, teve de renunciar, pelo menos na prática, à sua qualidade de escudeiro.”

O rei Luís XIV queria ter o poder absoluto e suportava mal que as leis emanadas do reino tivessem de ser aprovadas pelo parlamento em Rennes; com seu ministro Colbert, opta por fazer uma reforma profunda da nobreza, tirando-lhe poderes e sobretudo exigindo que alguns cargos fossem comprados. O Sr. Francisco-Cláudio, pai de Poullart des Places, que fizera estudos de direito, tinha-se inscrito como advogado no parlamento da Bretanha, mas em 1668, com a reforma da nobreza bretã, encontrou-se impossibilitado de fazer valer os seus títulos; com uma grande dor a roer-lhe a alma, teve de renunciar, pelo menos na prática, à sua qualidade de escudeiro. As actividades comerciais em que ele se lançou tinham como objectivo poder responder à nova situação. O seu grande sonho era que seu filho recuperasse para a família os títulos de nobreza perdidos. Quando Poullart mais tarde fala da ambição como sendo a sua maior tentação, ou o seu maior defeito, talvez possamos dizer que o ‘virus’ lhe tinha sido introduzido em casa.

3. 3. Aspecto religioso

A evangelização da Bretanha deu-se no século VII e foi feita pelos monges irlandeses. S. Columbano, discípulo de S. Patrício, fazia parte de um conjunto de monges que defendia um monaquismo duro, radical, com a prática de uma ascese muito severa. Dessa geração de monges ficaram-nos muitos santos que deram origem a comunidades cristãs e que ainda hoje são venerados com muita adesão popular. Fundada sobre o monaquismo irlandês a igreja nascente impunha ritos severos comportando longas penitências.

No século XVII assistia-se a um grande abandono religioso do povo rural. Não tardou muito a que reaparecessem cerimónias semi-pagãs inspiradas nos cultos celtas. Quem passear hoje pela bretanha profunda, encontra muitas pequenas capelas construídas em lugares escondidos, sempre ao lado de uma fonte, onde se misturavam tradições pagãs e cristãs. Neste contexto apareceu um grande trabalho missionário que tinha por fim re-evangelizar a Bretanha. Um dos grandes obreiros desta obra foi o P. Miguel Nobletz (1577-1652) a que se juntaram depois vários jesuítas e muitos padres diocesanos; o P. Bellier que teve muita influência em Cláudio, fazia parte destes missionários itinerantes que andavam de aldeia em aldeia pregando missões populares. A ‘carta aos senhores bispos’ acima citada, foi pensada por um grupo de padres da Bretanha, o que levou a que se tomasse muito mais a sério a formação do clero e que se buscassem soluções para os alunos pobres estudarem em boas condições.

4. O CLIMA E AS EPIDEMIAS

O século XVII foi também especial no que toca a epidemias e catástrofes naturais. Algumas ficaram tristemente célebres, como a da peste de 1628 a 1632 que vitimou cerca de dois milhões de pessoas. No reinado de Luís XIV era a fome que periodicamente assolava o país. Não foi por acaso que algumas das congregações religiosas nascidas durante o século XVII se orientaram directa e quase exclusivamente para o cuidado dos pobres e doentes.

O ano de 1709 foi marcado por uma grande instabilidade climática; chuvas e frio em exagero destruíram as sementeiras. O frio começou no dia 5 de Janeiro e foi de tal ordem que *“ninguém tinha memória de um outro parecido. A neve durou dois meses e com a mesma intensidade dos primeiros dias a ponto de os rios ficarem gelados até à foz... quando as neves que cobriram a terra durante esse tempo começavam a fundir, nevou de novo, tão fortemente como antes, durante três semanas”*. Este segundo nevão provocou a fome do ano, pois as culturas ficaram queimadas pelo frio. No dia 6 de Janeiro em Auxerre a temperatura atingiu 23 graus negativos a tal ponto que mais de 2000 pessoas deixaram as aldeias para se refugiarem na cidade. O bispo de Auxerre mandou fundir e vender a sua louça rica para alimentar os pobres com esse dinheiro.

Talvez o clima não nos merecesse referência se ele não estivesse na origem do que se passou na comunidade nascente de Poullart des Places. Em Paris os preços dispararam e Cláudio viu-se muito aflito para dar de comer aos jovens. Partilhando as condições de todos os pobres sem regalias nem privilégios foi uma das vítimas deste inverno rigoroso. Na igreja de S. Estêvão do Monte, uma placa assinala que ele ali foi enterrado numa vala comum, sem que o seu corpo pudesse ser identificado.

CONCLUSÃO

Não são as circunstâncias que fazem os santos; é Deus com a sua graça. Cláudio poderia ter enveredado pelo caminho da disputa teológica, ele que era tão bom orador; poderia ter seguido os desejos de seu pai; poderia ter sido advogado, parlamentar... Preferiu seguir Jesus Cristo. Foi com o seu testemunho que ele incendiou, no coração de tantos outros, a mesma paixão que tinha por Jesus e o seu reino.

O ano de 1709 foi marcado por uma grande instabilidade climática; chuvas e frio em exagero destruíram as sementeiras. A neve durou dois meses a ponto de os rios ficarem gelados até à foz...